



7 • Correio Braziliense — Brasília, terça-feira, 7 de janeiro de 2025

Bolsas	Pontuação B3	Dólar	Salário mínimo	Euro	CDI	CDB	Inflação
Na segunda-feira	Ibovespa nos últimos dias	Na segunda-feira	Últimos	Comercial, venda na segunda-feira	Ao ano	Prefixado 30 dias (ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
1,26% São Paulo	120.283	R\$ 6,112 (- 1,13%)	R\$ 1.518	R\$ 6,350	12,15%	12,37%	Julho/2024 0,38 Agosto/2024 -0,02 Setembro/2024 0,44 Outubro/2024 0,53 Novembro/2024 0,39
0,36% Nova York	30/12 2/1 3/1 6/1	27/dezembro 6,193 30/dezembro 6,180 2/janeiro 6,162 3/janeiro 6,18					

MERCADO FINANCEIRO

Juro pode ficar acima de 15% em 2025

Estimativas dos analistas no primeiro boletim semanal Focus deste ano, do Banco Central, mostram piora nas projeções e a taxa Selic acima de 10% anuais até 2027. Previsões para inflação superam o centro da meta, de 3%, no mesmo período

» RAFAELA GONÇALVES

Economistas do mercado financeiro elevaram as projeções para a taxa básica da economia (Selic) no primeiro boletim Focus de 2025. Conforme os dados divulgados ontem pelo Banco Central (BC), a estimativa para a taxa Selic no fim deste ano subiu de 14,75% para 15% ao ano, o que indica que os juros podem superar esse patamar ao longo do ano. E, pelas projeções no relatório semanal do BC, os juros básicos seguirão acima de dois dígitos, pelo menos, até 2027.

A mediana das expectativas para a inflação oficial, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de 2024, recuou de 4,90% para 4,84%. Foi a 12ª semana seguida de piora nas estimativas. Os dados do IPCA de dezembro e do encerramento do ano serão divulgados na próxima sexta-feira.

Dados que acompanham o horizonte do BC na decisão sobre os juros, a estimativa do IPCA para 2025 e para 2026, foram revisadas para cima. A deste ano, passou de 4,96%, na semana passada, para 4,99%. E a do ano que vem, de 4,01% para 4,03%.

A meta de inflação estabelecida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN) é de 3%, em 2024 e em 2025. A margem de tolerância para que ela seja considerada cumprida é de 1,5 ponto percentual para baixo ou para cima. Com a inflação acima da meta, as estimativas para os juros no fim de 2026 foram mantidas em 12% ao ano após subir por quatro semanas. Já a previsão para a Selic no fim de 2027 manteve-se em 10% ao ano.

Para Sidney Lima, analista CNPI da Ouro Preto Investimentos, as

projeções de alta da Selic, de uma forma mais agressiva, seguem reforçando o compromisso do BC em conter a inflação, o que pode fortalecer a confiança dos investidores na política monetária brasileira. “Mas vale lembrar, que juros mais altos tendem a encarecer o crédito e desacelerar a economia, impactando negativamente setores dependentes de financiamento. Internamente, o dinamismo da atividade econômica e do mercado de trabalho, aliado a expectativas de inflação que seguem desatualizadas, e com novos aumentos a cada divulgação do Focus, exigem uma postura mais restritiva”, alertou Lima.

Outro ponto importante a se observar, de acordo com ele, é que a conjuntura econômica dos Estados Unidos adiciona incertezas ao cenário global, influenciando a política monetária brasileira. “Essa expectativa de aumento de, pelo menos, 1,0 ponto percentual na taxa Selic reflete a determinação do BC em controlar a inflação, mesmo diante dos possíveis efeitos adversos sobre o crescimento econômico. O mercado, por sua vez, ajusta suas expectativas e estratégias, aguardando os próximos passos da política monetária brasileira”, disse.

PIB

A mediana das projeções para o produto interno bruto (PIB) em 2024, por sua vez, foi mantida em 3,49%. Para 2025, a estimativa subiu de 2,01% para 2,02%. A previsões para 2026 e 2027 também foram mantidas em 1,80% e 2,00%, respectivamente.

“O pequeno aumento na expectativa do PIB não traz alívio, e o Banco Central deve aumentar a Selic em mais 1% agora em janeiro”, ponderou Volnei Eynng, CEO

pacífico

Novos cenários

Primeiro boletim Focus do ano mostra piora nas principais projeções do mercado para a economia neste ano



Indicador	2024	2025	2026	2027
IPCA (Em %)	4,89	4,99	4,03	3,90
PIB (%)	3,49	2,02	1,80	2,00
Câmbio (R\$/US\$)	6,05	6,00	5,90	5,80
Taxa Selic (Em % ao ano)	12,25	15,00	12,00	10,00

Fonte: Focus/Banco Central

da gestora Multiplike. “A previsão é de uma Selic de 15% no fim de 2025. Esse remédio amargo pesa no bolso de empresas, vai deixar o crédito ainda mais caro, elevando os custos de empresas e consumidores”, reforçou. De acordo com o analista, o país precisa de uma ação mais coordenada para controlar a inflação sem prejudicar o crescimento econômico. “Uma ação mais firme do governo para conter gastos, com medidas reais que devolvam a confiança dos investidores no Brasil”, acrescentou.

Câmbio x fiscal

Em relação ao câmbio, a expectativa para o dólar para 2025 subiu mais uma vez, passando de R\$ 5,96 para R\$ 6,0, assim como nas últimas semanas. Para o fim de 2026, a previsão permaneceu em R\$ 5,90, assim como para 2027, se mantendo em R\$ 5,80. João Kepler, CEO da Equity Fund Group, avalia que a elevação da projeção para a Selic, agora em 15%, e a escalada contínua das estimativas para o IPCA e o dólar indicam que os desafios fiscais e inflacionários persistem. “Esse ambiente de juros elevados afeta diretamente o custo de capital das empresas brasileiras, especialmente aquelas que dependem de crédito para suas operações e expansão”, destacou.

“Empresas resilientes e bem-estruturadas tendem a se destacar nesse contexto, especialmente em setores menos sensíveis ao custo do crédito. É um momento de avaliar cuidadosamente os fundamentos e priorizar negócios que demonstram capacidade de adaptação e crescimento sustentável, mesmo diante de adversidades econômicas”, aconselhou.

Bolsa sobe mais de 1% e dólar recua para R\$ 6,112

» FERNANDA STRICKLAND

O dólar fechou em queda de 1,13%, ontem, cotado a R\$ 6,112, para a venda, registrando a maior retração em mais de duas semanas. O movimento ocorreu em meio à especulação de que o governo do presidente eleito dos Estados Unidos, Donald Trump, poderia adotar tarifas de importação menos agressivas do que inicialmente previsto. Em contrapartida, o Índice Bovespa (Ibovespa), principal indicador da Bolsa de Valores de São Paulo (B3), subiu 1,26%, fechando em 120.021 pontos.

A notícia, publicada, ontem, pelo jornal norte-americano *The Washington Post*, indicava que os assessores de Trump defendem a aplicação de tarifas mais elevadas apenas em setores considerados cruciais para a segurança nacional, como energia e defesa. Contudo, Trump negou a informação por meio de sua rede social, classificando-a como fake news. Apesar da negativa, o mercado reagiu positivamente à possibilidade de uma abordagem menos protecionista.

A perspectiva de tarifas moderadas nos EUA impactou o mercado global, reduzindo a força do dólar e impulsionando o apetite por ativos mais arriscados, como ações e moedas de países emergentes. No Brasil, o dólar comercial encerrou o dia cotado a R\$ 6,112 para a venda.

O motivo para a reação no câmbio está ligado à expectativa de menor pressão inflacionária nos Estados Unidos se Trump evitar aumentos bruscos de impostos. Caso isso ocorra, a inflação tende a diminuir, o que pode levar o Federal Reserve (Fed, banco central norte-americano) a não elevar as taxas de juros tão rapidamente, tornando os mercados emergentes, como o Brasil, que está aumentando os juros, mais atraentes para investidores estrangeiros.

Ibovespa

A Bolsa brasileira também refletiu o otimismo global, retomando o patamar dos 120 mil perdido na semana anterior. Com a liquidez do mercado aumentando após o fim do período

Freepik



Enquanto B3 retorna para 120 mil pontos no terceiro pregão do ano, moeda norte-americana cai 1,13%

de festas, investidores aproveitaram o momento para adquirir ações consideradas subvalorizadas. O volume financeiro da

sessão somou R\$ 19,2 bilhões. Apesar do avanço, o índice ainda acumula queda de 0,22% no mês.

A moderação nas tarifas de

importação nos Estados Unidos tende a beneficiar economias emergentes ao reduzir a aver-são ao risco no mercado global.

Isso impulsiona o fluxo de capital para países com juros mais altos, como o Brasil. Além disso, a perspectiva de menor pressão inflacionária nos EUA alivia os mercados, o que pode continuar pressionando o dólar para baixo.

Para Anilson Moretti, head de câmbio da HCI Invest, o mercado ainda depende de importantes eventos econômicos no mercado norte-americano nas próximas semanas. “A expectativa é de mais duas reduções de juros pelo Fed, em 2025, enquanto os EUA adotam uma política monetária expansiva, focada no controle da inflação e do emprego. Já o Brasil, segue na direção oposta, com uma política restritiva, reflexo da baixa credibilidade fiscal. A reconstrução dessa confiança será essencial para atrair investimentos estrangeiros, valorizar o real frente ao dólar e estabilizar a economia”, afirmou.

Pelas projeções de Moretti, o dólar pode chegar a R\$ 6,08 nesta semana e recuar para R\$ 5,90 até o fim do mês, caso a credibilidade fiscal seja restabelecida. No relatório Focus, divulgado ontem, o mercado projeta o dólar a R\$ 6 no fim deste ano.